

Collor não janta com empresário português

Norma Couri

LISBOA — Talvez para escapar do estigma de pertencer à *nova direita*, conforme o ex-governador Leonel Brizola anda espalhando pela Europa, Fernando Collor de Mello fugiu do jantar oferecido pelo poderoso Grupo Espírito Santo, vinculado no Brasil aos Monteiro Aranha, portanto, da família de sua ex-mulher, Lilibeth Monteiro de Carvalho. O jantar seria no próprio hotel onde está hospedado, o Ritz. Mas Collor alegou mal-estar físico, sendo visto, no entanto, logo mais à noite no restaurante *Visconde da Luz* — o que está causando algum ressentimento no meio empresarial português: “Ele teve complexo de ser visto com empresários logo na noite de sua chegada”, dizem.

No primeiro dia depois da partida de Collor para Paris, correm cochichos sobre seu último almoço em Lisboa — com o presidente Mário Soares — no qual o candidato do PRN interessou-se por saber: “Como o senhor conquistou o eleitorado de esquerda?”. Ao que Mário Soares respondeu: “Curiosamente, apanhando de eleitores do Partido Comunista durante um comício que foi veiculado pela televisão e, a partir daí, a campanha virou, fui eleito.”

Collor concordou com Soares: “A televisão e mesmo um grande eleitor”. Na primeira entrevista a um jornal europeu, o *Diário de Notícias*, português, publicada hoje em página dupla, Collor, aliás, exprimiu o pensamento do presidente da Rede Globo, Roberto Marinho: “Uma eleição, muda-se em 24 horas.)”

Hoje, comenta-se que o *penteado de novela* de Collor assustou os tradicionalíssimos políticos portugueses, apesar de o presidenciável ter deixado boa impressão no gabinete do primeiro-ministro Cavaco Silva (“Conjuga porte de estadista com humildade”, disse um funcionário). Outros, no entanto, preferem reproduzir o julgamento atribuído ao presidente Mário Soares no Palácio de Belém: “É bastante jovem, falta muito tempo — talvez ele não chegue lá.”